

**Arlindo RUPERT.** *História da Igreja no Rio Grande do Sul: Época colonial (1626-1822).* vol. 1. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1994, 1811 p. (Teologia 2).

Livro de história dados: uma seria, pesquisada e bem distribuída lista de nomes, datas, fatos tirada de fontes da época cuidadosamente confrontadas e analisadas. Poucas análises sociológicas mas inúmeras descrições de origens, seqüências cronológicas e descrições de encontro das pessoas e das coisas. Um livro precioso como arquivo de consulta e de informação.

Começa com as missões do Uruguai. As famosas missões do século XVI quando o território era mais dos indígenas e os espanhóis e portugueses se encontravam nele somente para predar e guerrear. Vem depois o tempo da organização jesuíta com os sete povos, tempo da cristandade índia livre e progressista com a conseqüente reação dos liberais hispano-portugueses que expulsam os jesuítas e destroem com tratados feitos por escravistas de gabinete, potentados da ilustração tirânica do século XVIII (Pombal e companhia) para quem uma comunidade era apenas um brinquedo para brincadeiras e sorteios sobre uns papéis. O autor nos dá os nomes dos padres, os nomes dos índios, os nomes dos “povos”, os nomes dos capitães e dos governos, os nomes dos que substituem com datas, virtudes e defeitos...

Depois os dados da Igreja institucional do Rio Grande do Sul a começar com a Colônia de Sacramento, seus capelães e sua paróquia do Santíssimo Sacramento. Colônia que vai e vem e que merece uma categoria eclesial interessante: celeiro de vocações...

Interessante a descrição da criação do mundo paroquial do verdadeiro Rio Grande do Sul, o Rio Grande de São Pedro, a começar pelo presídio de Rio Grande (1737). A paróquia, com provisão de 1736, é instalada em abril de 1738, sendo separada da paróquia de Laguna.. E nosso historiador descreve pacientemente a fundação de cada uma das outras paróquias estabelecidas antes de 1822, dizendo nome de párocos, nomeadores de párocos, lugar do nascimento e da ordenação, nomes dos pais, tomadas de posse e saídas, salários de párocos e auxiliares, estudos, obras e virtudes ou defeitos de cada um, adversários e adversidades, num esforço meritório de quem não teme juntar fichas e noites de leitura...

Existe um capítulo sobre os índios e a Igreja no Sul. As tribos são enumeradas e se descrevem como foram atendidas, com que frutos, pessoas e dificuldades. Evidentemente não faltam referências sobre a inculturação desses índios e de como eles tiveram também seus padres. São apenas dois dos quais um não se sabe onde nem como exerceu seu sacerdócio...

O livro acrescenta algumas referências a instituições religiosas para as quais dá menos importância mas que são características da época. Os curatos são igrejas atendidas por padres que tem nelas os direitos de párocos com toda a responsabilidade de pastores mas que não recebem o pagamento do erário público ou estão ligados à paróquias das quais dependem em parte. Há também essas paróquias mais pessoais que são as paróquias responsáveis das terras dos “povos da missões” que apesar de tudo continuam a ser mantidas em geral por instrumentos precários. O visitador é um enviado do bispo ou até o bispo em pessoa, que percorre o território para corrigir erros e animar os que tem dificuldades: também eles são enumerados e registrada a sua ação, acertos e desencontros. Por fim, em poucas páginas, merece menção a presença dos religiosos no Rio Grande representados nos primeiros tempos pelos jesuítas e depois pelos franciscanos e carmelitas, sem faltarem alguns religiosos “indivíduos avulsos, fora dos seus conventos, quase sempre sem licença dos seus superiores, por isso irregulares”.

Com essa frase certamente enigmática, termina a história que recebe também um excelente e meritório índice onomástico de todos os nomes citados acompanhado de um não menos caprichado índice de nomes de lugares.

O livro tem grandes méritos como obra de referência. Foi feito com sabedoria, competência, paciência e responsabilidade. É indispensável como obra de consulta e de enquadramento do passado. Quase tudo foi buscado em documentos originais que infelizmente nem sempre são muito acessíveis. A leitura da síntese faz lamentar que as fontes de nossa história ainda continuem tão difíceis de ser consultadas e trabalhadas. (PAS)

**Luís Alberto de BONI (org.).** *Idade Média: Ética e política.* Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996, 502 pp. (Filosofia 38).

Livro precioso para quem quer conhecer a ética e a política da Idade Média. É uma obra com pequenas monografias de 10 a 20 páginas tratando de um tema em que participou em geral um só autor desse tempo: como viu a liberdade, como viu a ética, como viu o poder... Passam pela análise São Jerônimo e a nobreza de Roma, Santo Agostinho com sua ética, São Martinho de Braga com sua *Formula de vida honesta* dirigida aos homens da corte do reino

suevo do século VI que fazia suas escolhas entre o arianismo e o catolicismo, as propostas morais para os reinos visigodos da Espanha enquanto dimensionadas no planos de revisão da vida cristã proporcionados pelos Concílios de Toledo, o projeto de um império cristão tal como desenvolvida pelos carolíngios no século IX, a noção da liberdade em Santo Anselmo de Cantuária, as diferenças entre os projetos do estado dos reis franceses do século XII tais como desejados e criticados pelo papado, o monaquismo de São Bernardo como modelo moral do cristão no século XII sobretudo em sua discussão com o poder, a concepção de história cristã de Joaquim da Fiori, a leitura da ética por Santo Alberto Magno, São Boaventura e Santo Tomas, a sabedoria dos reis do século XIII entre os quais sobressai Afonso X da Espanha junto com uma reflexão sobre a moralização do clero espanhol nessa mesma época dentro das normas do IV Concílio de Latrão, a usura às voltas com a pobreza voluntária nesse mesmo século, a ética de Raimundo Lullo que tanta influência teve na moral hispano-portuguesa, a disputa entre o poder do rei e o do papa no fim do século, a mesma discussão tal como vistas por Ockam e Marsílio de Pádua. As monografias são apresentadas como estudos curtos mas documentados e claros. A bibliografia é abundante e usam-se pesquisas de valor, citando-se muito raramente as obras genéricas ou de divulgação. Usam-se muito também as obras originais dos autores estudados, com uma documentação de primeira mão. Um livro que não deve faltar em nenhuma biblioteca de seminário por permitir aos alunos e pesquisadores uma informação sobre as várias épocas com os autores chaves. Quem não quer ficar em generalidades mas poder ver como pensaram indivíduos marcantes de todo o período tem uma obra de consulta e de exemplificação meritória. (PAS)

**Castrese di CIACCIA e Vitaliano MATTIOLI.** *O milagre da vida.* Reflexões de bioética e sobre os direitos do nascituro. São Paulo, Cidade Nova-Cenplafam, 1994, 107 p.

É um livrinho prático, profundo e bem documentado para quem quer saber alguma coisa sobre o lado técnico dos mecanismos genitais, do nascimento, e dos vários modos de praticar uma natalidade assistida. Diferentemente de outros escritos que multiplicam as provas de autoridade dos documentos eclesiais, este é bastante sóbrio mas, quando se trata de dizer coisas técnicas, faz com abundância e sem ocultar nenhuma das hipóteses, pondo as hipóteses cristãs sem nenhum constrangimento entre as possíveis e recomendáveis. Começa com o estudo onde nasce a vida e para depois acompanhar o embrião humano passo a passo no seu desenvolvimento. Introduce uma reflexão antropológica e jurídica

sobre os direitos do embrião pessoa segundo as hipóteses diferentes e a dimensão cristã e bíblica. Usa um bom espaço para refletir sobre o modo de ver na Igreja dos primeiros séculos, nos tempos imediatamente anteriores ao Vaticano II quando surgem as novas **análises da paternidade responsável**, as dificuldades em que se viu envolvido o concílio e o pós-concílio e quais os rumos que toma o pensamento atual. Faz uma enumeração com esclarecimento sobre os meios contraceptivos que também podem ser abortivos para depois falar das técnicas de fecundação artificial. A conclusão é judiciosa: uma reflexão sobre o amor de Deus e o amor humano que se apoiam e se constroem juntos. Para terminar um glossário com todas as palavras técnicas desse campo que podem trazer dúvidas ou imprecisões. Uma longa bibliografia por assuntos encerra a publicação. Creio que nessa bibliografia está o maior defeito do livrinho: toda estrangeira sem nenhuma referência a obras nacionais. Os livros são técnicos e o problema é moderno, mas é lamentável que nada se diga do que é feito por aqui e do que lêem nossos médicos. O livrinho constitui-se num excelente presente para se dar a um padre que tem vontade de agir como pastor responsável mas também como um ótimo presente para um médico que nos prestou um favor e que gostaria de ter uma visão de Igreja técnica e dialogante. Se é um especialista não aprenderia nada quanto ao lado medical, ao menos saberia que os teólogos também lêem coisas sérias em matéria tão discutida onde a Igreja em geral acha-se bastante sozinha. (PAS)